

A PRIVAÇÃO DA LINGUAGEM COMO UM INSTRUMENTO DE CONTROLE DA RESISTÊNCIA NAS DISTOPIAS VOX E JOGOS VORAZES

CAROLINE BLANK MESQUITA¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – cblankmesquita@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar como a privação da linguagem é utilizada nas obras literárias distópicas *VOX* de Christina Dalcher e *Jogos Vorazes* de Suzanne Collins como um instrumento de controle sobre grupos sociais que representaram a resistência contra a forma de governo vigente em cada narrativa. Esta pesquisa na área de literatura vem sendo desenvolvida com o apoio do grupo de pesquisa sobre distopias contemporâneas dirigido pelo Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques da UFPel (Universidade Federal de Pelotas). A participação nesse grupo proporcionou tomar conhecimento de diversos livros e refletir sobre o que eles apresentavam, sendo fundamental para o desenvolvimento desse trabalho.

Considerando a leitura de ambas as obras se percebeu que apesar de apresentarem narrativas e enredos distintos entre si, há um ponto de convergência entre elas: a presença do silenciamento literal. Em *VOX* esse é o assunto central, considerando que a história gira em torno da consolidação de um governo fanático religioso que estabelece que todas as mulheres devem utilizar um contador de palavras que as dá direito a apenas cem palavras diárias, causando choques se esse limite for excedido. Em *Jogos Vorazes* – nessa pesquisa foi considerado apenas o primeiro livro e não toda a trilogia – o silenciamento literal não é o tema central, sendo citado em apenas alguns momentos quando há a presença dos chamados “Avox”, apresentados como criminosos que tiveram como sentença terem a língua cortada e servirem de escravos domésticos para seus algozes.

Após um trabalho de pesquisa mais profundo, foi possível identificar a existência limitada de referências analisando esses livros no meio acadêmico. Se tratando da questão principal desse trabalho que é analisar a privação da linguagem como instrumento de controle presente nessas narrativas, o referencial é quase nulo, principalmente para a obra *Jogos Vorazes*. Dessa forma, a realização dessa pesquisa se demonstrou relevante não unicamente pela temática que se relaciona com a realidade de nossa sociedade, mas também por se apresentar como algo ainda não expressivamente explorado no meio acadêmico.

Apesar de encontrar pouco referencial teórico sobre o assunto e as obras analisadas, esse trabalho se apoia nas concepções sobre distopias apresentadas por Gregory Claeys (2017), nas reflexões de Michel Foucault (1997 e 2006) sobre as relações de poder e controle e na análise de Isabela Zanotto e Mariese Stankiewicz (2020) sobre o cerceamento da linguagem feminina em *VOX*.

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento dessa pesquisa se deu majoritariamente por meio da leitura das obras literárias, levantamento de hipóteses e da seleção de trechos que provassem as hipóteses levantadas. Inicialmente foi estabelecida a ideia de trabalhar apenas com o livro *VOX* analisando a privação da linguagem como uma

forma de opressão às mulheres, mas após a leitura de *Jogos Vorazes* identificou-se a possibilidade de relacionar os dois livros, abordando a privação da linguagem sob uma outra ótica: como um instrumento do controle de grupos que ameaçavam o sistema de governo vigente nas narrativas.

A partir disso foi feita a releitura de *VOX* com o objetivo de buscar por trechos que comprovassem a teoria de que, assim como em *Jogos Vorazes* com os “Avox”, o silenciamento das mulheres do livro, além de uma forma de opressão, também era uma necessidade de retomar o controle sobre elas, que teria sido perdido quando elas deixaram de exercer o papel de donas de casa – concepção defendida pelo grupo religioso que tomou o poder dos Estados Unidos no enredo desta distopia.

Em *Jogos Vorazes* há uma explicação rápida de quem são os “Avox” em um diálogo entre Katniss (protagonista da estória) e seu mentor durante os jogos que dão nome ao livro. Nesse diálogo, ele explica que eles são criminosos que tiveram a língua cortada, mas enfatiza que provavelmente são traidores (COLLINS, 2008), ou seja, demonstra que não seriam todos os criminosos que sofriam essa punição, apenas aqueles que agiram contra a Capital (cidade fictícia sede do governo na narrativa).

Tendo identificado esses cenários em cada narrativa, buscou-se por apoio de outros autores que já tivesse discorrido sobre essas obras. Nesse ponto a discussão levantada por Isabela Zanotto e Mariese Stankiewicz (2020) relacionando o silenciamento literal que as mulheres sofrem em *VOX* com o silenciamento metafórico que as mulheres sofreram no passado, assim como suas referências secundárias, sendo a mais relevante para o objetivo deste trabalho Foucaut (1997 e 2006) contribuíram para um melhor entendimento do material de pesquisa. Por fim, fazendo uso desses textos e do que estava presente nas próprias obras literárias partiu-se então para a investigação da hipótese levantada que buscou comprovar a presença do seguinte padrão: controle da linguagem = controle da comunicação/organização = controle da resistência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analizar duas obras com estórias tão distintas entre si, buscando comprovar que elas apresentam um ponto em comum foi algo desafiador, principalmente por não encontrar nenhuma pesquisa anterior que as relacionasse. Além disso a pesquisa na área puramente literária abre espaço para mais de uma interpretação dos resultados obtidos. Sendo assim, é importante destacar que este estudo buscando analisar a privação da linguagem como um instrumento de controle a partir desses dois livros é considerado ainda em andamento e os resultados apresentados aqui são parciais.

Foi possível identificar que em ambas as narrativas ocorre um “vigi” e “punir” constante (FOUCALT, 1997) dos grupos em questão. Todo grupo social é definido tanto por aqueles que fazem parte dele quanto por aqueles que não fazem parte e dependendo de que lado você está, os outros grupos estão sempre errados e o seu grupo que está certo (CLAEYS, 2017). As distopias fazem uso frequente dessa divisão da sociedade em grupos muito bem definidos e isso não é diferente nos livros aqui analisados. E um ou mais desses grupos representam a resistência ao grupo que está no poder, são esses grupos que precisam ser constantemente vigiados e punidos, pois são eles que estão do lado errado da história, de acordo com o grupo que está no poder.

Segundo Foucault (2006), as relações de poder apelam e abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência que o poder daquele que domina tenta se manter com mais força quanto maior for a resistência. Essa manutenção do poder acaba se tornando uma luta infinita e constante para manter esses indivíduos que ameaçam sua dominância sob controle. Pode-se identificar essa luta constante em *VOX* e em *Jogos Vorazes*, já que não basta calá-los uma única vez, é preciso calá-los todos os dias. Em ambos os livros há a ideia de “cortar o mal pela raiz”, ou seja, limitar a comunicação dos grupos que representam uma ameaça real aos planos daqueles no poder limita também as possibilidades de que haja uma resistência, porque a comunicação entre indivíduos é crucial para que haja a organização de grupos contra o sistema, e é muito raro que uma única pessoa represente uma ameaça real a um poder hegemônico.

Em *Jogos Vorazes*, o silenciamento dos “Avox” como um instrumento de controle é identificado de forma mais clara, já em uma primeira leitura. Tendo em vista que essas pessoas agiram contra o sistema, impedir por completo sua comunicação verbal com outras pessoas cortando suas línguas busca impedir a proliferação da resistência, mantendo em segurança o sistema de governo autoritário que está estabelecido na narrativa.

Já em *VOX* a relação da privação da linguagem das mulheres que vivem em um Estados Unidos distópico com o controle da resistência não fica tão claro como no caso de *Jogos Vorazes*. Colocando em prática suas crenças, o grupo fundamentalista religioso que se estabeleceu no poder reduz a função social feminina ao de dona de casa e mãe novamente, papel que acreditam ser aquele divino destinado a elas. Sendo assim, a instalação dos contadores de palavras nos pulsos femininos parece, em um primeiro momento, apenas uma forma de assegurar que elas apenas cumpram sua função pré-estabelecida e para isso não precisam das palavras. O livro apresenta momentos em que Jean (protagonista da estória e narradora) relembra dos protestos de mulheres dos quais a sua amiga da época de faculdade, Jackie – que depois se tornou uma escritora feminista ridicularizada pela maior parte da população dentro da narrativa - fazia parte quando o governo estava começando a sofrer mudanças mais drásticas, todavia esses protestos não são descritos como algo realmente ameaçador à consolidação desse governo. Além disso, esse processo de consolidação é descrito como algo muito rápido, segundo a narradora “foi uma conjunção de forças tão silenciosa que nem tivemos chance de organizar nossas fileiras” (DALCHER, 2018, p. 26).

Apesar desse cenário em que as mulheres não oferecem uma ameaça realmente contundente a autoridade vigente, elas são apresentadas como o único grupo oprimido e prejudicado em sua totalidade. O livro não cita nenhum outro grupo que tenha perdido seus direitos dessa forma. Sendo assim, manter as mulheres sob controle e sem chance de organizarem efetivamente uma resistência é crucial para a manutenção desse sistema de poder, já que elas seriam as únicas interessadas em recuperar seus direitos, porque foram as únicas que os perderam. Segundo Zanotto e Stankiewicz (2020), há um receio de que o discurso da mulher coexista com o discurso masculino de forma igualitária, sendo assim, se estabelece a necessidade de controlar a fala das mulheres para que elas não se tornem uma ameaça.

Tendo em vista o que foi abordado, foi possível identificar o padrão ‘controle da linguagem = controle da comunicação/organização = controle da resistência’ em ambos os livros, mesmo que esse não se apresente como a única motivação para o silenciamento dos grupos em questão. Sendo assim, a privação da linguagem



oral, total no caso dos “Avox” em *Jogos Vorazes* e parcial no caso das mulheres em *VOX*, foi verificado como sendo um instrumento utilizado pelo grupo estabelecido no poder para controlar os grupos que representam ameaças a ele.

4. CONCLUSÕES

Dante dos resultados apresentados, foi possível identificar o padrão estabelecido para a análise em ambas as obras, sendo assim foi comprovado que, mesmo que o controle da resistência não seja a única motivação para o silenciamento desses grupos, é um dos fatores que levaram a essa decisão dos governantes de cada sociedade distópica presente nos livros. Por meio da realização dessa pesquisa pode-se criar consciência da relevância dessas narrativas para a discussão sobre relações de poder, controle e opressão na nossa sociedade no decorrer dos anos. Sendo assim, essa análise também se mostrou relevante por abordar essas distopias que foram objeto de poucos trabalhos acadêmicos até o momento e demonstram ser um material rico para pesquisas futuras. Além disso, a pesquisa poderá ter continuidade abordando a presença do silenciamento literal em outras obras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLAEYS, G. **Dystopia: A Natural History**. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- COLLINS, S. **The Hunger Games**. Trad. Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.
- DALCHER, C. **VOX**. Trad. Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2018.
- FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber**. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ZANOTTO, I, G; STANKIEWICZ, M, R. Mulheres sob controle: uma análise do cerceamento da linguagem feminina em Vox, de Christina Dalcher. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 139-154, out./dez. 2020.